

tantos outros, oportunidade dessa visita, que eu considero a maior das experiências que eu poderia obter para esclarecimento do nosso povo. Mas não podemos negar que, mesmo desta Casa — não posso dizer desta Legislatura porque ainda seria prematuro — muitos foram, e quantos! e eu citei inúmeras vezes os nomes dos então colegas desta Casa que lá foram para buscar ordens, para receber distinções, ensinamentos e executar aqui no nosso país, na nossa América do Sul, por onde eles transitam fazendo a propaganda vermelha. Não é o caso de V. Exa. Não é o meu, como não será de tantos outros. Mas, não podemos esquecer-nos de que realmente alguns que aqui estiveram e — quem sabe? — alguns que ainda estejam por aí encapuçados, se tiverem oportunidade de ir, não numa oportunidade de pesquisa, mas para receber ordens, para receber ensinamentos, pregações, dinheiro, material subversivo para aplicação no nosso país e fora do nosso país. Ignorar isto seria ignorar a luz do sol. Sabemos desses "slogans" distribuídos por eles no mundo inteiro, e que conseguiram proveitos enormes para eles. Isto é fato incontestável. V. Exa. verifique uma coisa: durante muitos anos eles promoveram a tal "Campanha Pró Paz". Todos nós somos a favor da paz; não de uma paz cujo preço seja a escravidão. Isso não, porque o homem que troca a manutenção de uma vida pela sua liberdade vale menos do que um verme. Mas, nós todos acreditávamos na campanha da paz. Enquanto aqueles que autenticamente queriam a paz, lutavam pela paz, assim procediam, eles armavam-se nobre deputado, armavam-se a tal ponto que desafiaram o mundo com esse super armamento, armamento super moderno, super eficiente na destruição dos países que estejam exatamente no lado oposto ao que eles se colocam. É realmente um poderio extraordinário.

Depois fizeram aqui no Brasil e no mundo ocidental, no mundo livre, no mundo democrático, a campanha do imperialismo lanque e os norte-americanos ficaram amedrontados, quando na verdade não há hoje e dificilmente haverá na história do mundo um império maior do que o império russo, maior e mais impiedoso. No entanto, todos se acovardaram em relação ao "slogan" — imperialismo lanque. Depois pregaram o nacionalismo. V. Exa. sabe, porque é homem estudioso e teve interesse de ir verificar "in loco" o que é a vida atrás da cortina de ferro, que eles estão com grande parte dos problemas, hoje, em proporção maior do que estavam antes da revolução de 1917. Não há dúvida alguma! Então, V. Exa. sabe também que eles não são nacionalistas, porque não podem ser, porque eles pregam e querem — pelo menos no entendimento de seus grandes teóricos, como Frederico Engels e Carl Marx — que no mundo socialista, no mundo comunista não existam pátrias. Eles são a favor da universalidade dos povos. Então, não podem ser a favor do nacionalismo, evidentemente. Mas, eles fazem essa pregação de nacionalismo para agitação de um problema, com uma bandeira da verdade, mas exercendo realmente a grande mentira do século, que é a comunista, que é esta socialista. Então, Sr. deputado, quando agora, na semana atrasada, fomos visitados por uma comissão de dirigentes sindicais, um dos chefes dessa comissão — tudo lá é sob chefia, V. Exa. sabe disso — um senhor Victor qualquer coisa, Domatengo ou qualquer coisa assim, é o seu sobrenome, o prenome é Victor, fez ao "Diário da Noite", que as publicou no dia 4, estas declarações: que a URSS tem 220 milhões de habitantes, mas que só dez por cento são comunistas. V. Exa. também sabe disso; quando lá esteve, em 1957, a estatística acusava 7%. Disse o Sr. Victor, que deve estar bem informado e veio de lá em missão — e deve estar cumprindo essa missão — que são apenas 10%. E nós sabemos que esses 10% é que dominam; esses 10% é que dominam e os outros 90% são dominados. E por isto e daí e só por isto e só daí, a declaração do Sr. Nikita Krutchev, o todo poderoso na última reunião do partido, o que equivale a dizer, na última reunião dos 10%, no sentido de que estavam numa verdadeira situação de penúria em relação à produção da agricultura, porque disse o Sr. Nikita Krutchev e não eu, e não Kennedy, e não nós, os democratas, disse Nikita Krutchev que a situação era tremenda, que a situação era de fome. Ainda não conseguimos, diz ele, produzir 10 por cento daqueles adutos indispensáveis ao atendimento da agricultura na Rússia. E por que isto, senhor deputado? Por esse mesmo processo de convulsão que estão querendo realizar no Brasil. Primeiro, eles fizeram as coletivizadas, os "colcos". Muito bem. Aquilo não deu certo. V. Exa. sabe que houve uma segunda etapa, a dos "sovcos", que quer dizer, reunião de pequenos "colcos" ou até de grandes "colcos". Por que isso? Pelo fracasso. Verificaram que, realmente, o minifúndio causa males maiores em países subdesenvolvidos no setor, e eles são, nesse setor, absolutamente atrasados. Então V. Exa. chega à conclusão, pela experiência deles, que pregam isto para convulsão do Brasil. E o minifúndio é mais negativo do que o latifúndio. Tanto é assim que na primeira etapa, naquele momento em que eles tiveram o "governo dos cem dias", eles chegaram a realizar a distribuição de terra, mas depois retiraram a terra das mãos dos lavradores e a terra passou a ser do Estado. Passando a ser do Estado, fizeram os "colcos". Houve o fracasso. V. Exa. sabe disso, que os "colcos" fracassaram. Então fizeram os "sovcos", que é ajuntamento dos "colcos" para o esabelecimento de maiores propriedades, e, ainda assim, posso trazer a V. Exa. estatística recente deles demonstrando que hoje há a mesma fome que havia no tempo dos tiranos, que foram os czares.

Então, senhor deputado, eu pergunto: por que toda aquela matança logo depois do primeiro movimento, de 1917? V. Exa. sabe que foram milhões que morreram nas estepes russas. E sabe que continuam morrendo. Todo aquele que se rebelou, é morto. Então, em nome de que mataram como mataram? De um fracasso confessado, para construir foguetes espaciais, para construir armamento...

O SR. PRESIDENTE — (Fazendo soar a campanha) — Comunico ao nobre orador que o seu tempo está esgotado.

O SR. CONSTÂBIL ROMANO — (Pela ordem) — Sr. Presidente, estando inscrito a seguir, cedo ao nobre deputado Francisco Amaral o tempo necessário para S. Exa. concluir o seu discurso.

O SR. PRESIDENTE — Continua com a palavra o nobre deputado Francisco Amaral, por cessão do nobre deputado Constâbil Romano.

A Sra. Conceição da Costa Neves — V. Exa. me permite que continue no aparte?

O SR. FRANCISCO AMARAL — Perfeitamente.

A Sra. Conceição da Costa Neves — Eu trarei os dados estatísticos a que me referi. São atestados indispensáveis, porque são fornecidos por eles, de que a fome hoje impera na Rússia. Mas, aqui no continente, temos a pobre ilha do Sr. Fidel Castro. Agora mesmo a Rússia acaba de solicitar ao Itamarati permissão para reexportar aquele nosso café tipo 3, que a Rússia comprou para fazer exatamente com o café do Brasil o que fez com o algodão do Egito, para soltar no mercado internacional no momento indicado para estabelecer a dificuldade para o País de origem, no caso do Egito, com o algodão, e no caso do Brasil, com o café. E a desculpa, a informação, a justificativa que dá o Sr. Nikita Krutchev para esse pedido de licença é a de que, sendo os cubanos grandes consumidores de café, a colheita lá não deu nem mesmo para o consumo interno. E eu tenho uma revista que se chama "Cuba" que traz fotografias coloridas de uma convocação de estudantes, soldados, gente não do campo, não especializada, ajudando a colher café, grão por grão, para não perder, como diz o próprio artigo, nenhum grão! E eu vou trazer para discussão na sessão de amanhã, provavelmente nesta mesma matéria que V. Exa. discute hoje, aquela estatística da alimentação em Cuba nos dias de hoje. E V. Exa. vai verificar que ela é muito pior, mas muito pior, do que no tempo da escravidão lá em Cuba. Então eu indago de V. Exa.: É toda essa pregação para efeito externo? É isso que querem fazer no Brasil, que é a revolução da terra, a tal reforma agrária? Querem reformar o que ainda não foi formado! Só se reforma o que existe. A agricultura no Brasil é incipiente, está atrasada, engatinha. Porque não podemos ver o Brasil através de São Paulo. Seria u'a maravilha se assim fosse. São Paulo é muito, muitíssimo, dentro do Brasil. Mas nós temos um outro Brasil que não é São Paulo. Infelizmente não é São Paulo. Então eles fazem essa pregação, que foi a mesma que deu alma, entusiasmo ao homem que queria a terra, apesar de todos os sofrimentos por que passava o povo russo, debaixo dos chicotes dos czares, que deu estímulo para cultivar. E receberam a terra. E depois, logo a seguir, não apenas aqueles novos proprietários, como também os velhos foram despojados da terra e a terra foi coletivizada para esse fracasso que são eles mesmos que anunciam ao mundo. Podemos constatar isso através de livros que hoje podemos ler a respeito. Se V. Exa. tiver oportunidade compre e leia um livro escrito por um moço russo que é líder da mocidade intelectual de Moscou. O livro é "Nem Só de Pão Vive o Homem", e o autor chama-se Dudzinsky. Esse livro conta toda a história da tragédia atrás da cortina de ferro. Quem o escreveu é um moço russo que lá está e para o qual não se sabe se vai acontecer o mesmo que aconteceu a Pasternak, que de repente passou a sofrer do coração, muito de repente! Não se sabe se isso vai acontecer a esse moço. Temos também o livro escrito por Oswaldo Peralva, "O Retrato", escritor brasileiro que foi comunista militante, em certo momento até de categoria igual a de Luiz Carlos Prestes. Digo categoria considerando lá, entre eles, pois na minha consideração de democrata eles são traidores. E esses homens de empresa, preocupados apenas com seus lucros diários, deviam mandar imprimir esses livros e distribuí-los para a nossa mocidade, para os nossos estudantes. Existe aquele outro livro intitulado "7 Anos de Solitária", da Dra. Edith Bonn, livro fabuloso, contando toda a experiência daquela mulher que durante mais de 40 anos foi militante e que depois passou 7 anos numa solitária, por se ter rebelado contra o grande acougueiro do século, contra o grande matador do século, que foi Stalin. Essa mu-

lher, que foi magnífica, passou 7 anos numa solitária e escreveu esse livro. E mais o livro de Quintiliano, que também foi comunista militante, livro intitulado "A Muralha". Livros como esses deviam ser distribuídos aos nossos estudantes, entre os quais, como hoje se sabe, há uma infiltração tremenda, através do professorado. Há dias ainda o ilustre deputado Augusto do Amaral contava-me que há uma percentagem assustadora de infiltração no ensino, através dos mestres, aqueles que deviam ensinar o amor à Pátria, o respeito à família e que estão ensinando exatamente o oposto disso, insuflando uma revolução. Então, Srs. deputados, nós que sabemos do pouco que pudemos ver, do que pudemos sentir e dentro daquele nosso interesse que é de todos os dias, de todos os momentos, de conhecer experiências alheias, chegamos à conclusão — que é a mesma a que deve ter chegado V. Exa., — de que por pior que seja a democracia, devemos lutar por ela, pelo seu aprimoramento, porque ela, por pior que seja, é melhor que qualquer ditadura.

O SR. FRANCISCO AMARAL — Obrigado. nestas condições, eu queria deixar fixado também nos anais deste parlamento — pois acusado fui através dos anais deste parlamento — que não pertencço, não tenho qualquer ligação e não estou servindo ao Partido Comunista, muito embora tenha estado na Rússia e tenha verificado uma porção de realidades russas, conhecimentos esses que me esclareceram sobre o assunto. Entendo que o regime russo deve ser bom para os russos. Todavia, é inaplicável ao Brasil. O Brasil não poderia viver sob um regime desses. É esta a conclusão final que cheguei quando lá estive. Num domingo fui procurar uma igreja católica para assistir a uma missa dentro de Moscou. Com grande dificuldade encontrei uma, pois minha formação, a de minha família, é estritamente católica e eu não poderia, assim, deixar de registrar esse fato e trazê-lo a esta tribuna, já que desta tribuna foi dito algo que atingiu a este deputado. Realmente estive lá e voltei acreditando que o regime russo é bom para os russos, mas inaplicável ao Brasil. Reconheço néle algumas vantagens. Inclusive no setor educacional, e o ilustre deputado Sôlon Borges dos Reis há de esclarecer que lá, como eu senti, no campo do ensino houve uma grande evolução, que seria necessária ao Brasil, para dar a todos os brasileiros aquelas mesmas facilidades de estudo de que goza a criança russa, o jovem russo.

O Sr. Sôlon Borges dos Reis (Com assentimento do orador) — Nobre deputado, venho acompanhando o brilhantismo com que V. Exa. sustenta na tribuna as suas idéias e opiniões. E há pouco assinalou V. Exa. a acusação de que foi vítima, acusação de comunista por ter ido à União Soviética. Também já fui acusado de ser comunista e se o fosse não me envergonharia, pois não considero isso um crime nem um labéu. Posso considerar um acerto ou um erro, mas respeito os comunistas autênticos, que labutam pela vitória de suas idéias e de seus ideais, desde que eles consideram este o benefício do brasileiro, o benefício do povo, o benefício da humanidade. Se eu também considerasse a salvação do Brasil o comunismo, estaria numa trincheira comunista, lutando pela implantação do comunismo no Brasil. Mas acontece que, como V. Exa., eu também não considero o comunismo solução para os nossos problemas sociais. Isto não quer dizer que não reconheça algum mérito, muito mérito, nas idéias e realizações do partido comunista e dos povos que adotaram o socialismo no mundo europeu e asiático. Foi também, como V. Exa., como outros deputados, como o ex-presidente desta Casa, nobre deputado Abreu Sodré, à União Soviética. Fui em companhia do então deputado Castelo Branco; fui em companhia do nobre deputado Murillo Sousa Reis; fui em companhia do então deputado estadual, hoje deputado federal, Celso Amaral, à União Soviética. Visitamos países além da chamada "cortina de ferro", e verificamos que o regime socialista é realmente autêntico, é uma realidade palpante na União Soviética, não é um engodo, é legítimo na sua estrutura e no seu funcionamento. Podemos discordar desse regime, podemos combater esse regime, mas quem lá esteve, como V. Exa. também, há de reconhecer a autenticidade da estrutura de funcionamento do regime soviético.

O SR. PRESIDENTE (Faz soar a campanha)

O Sr. Sôlon Borges dos Reis (Com assentimento do orador) — Agradeço a V. Exa. Para mim é uma experiência social de excepcional envergadura que realmente foi levada a sério. Ora, tendo voltado da União Soviética, não fiz a campanha do endeuamento do regime, que não me fascinou, como também não saí em campanha desencadeada para demolir tudo quanto vira e ouvia, porque vi muita coisa ruim, mas também vi muita coisa boa. Tenho sempre nos meus escritos ou nas minhas palestras, nas minhas palavras em público ou em particular, procurando, com objetividade e com sinceridade — e vejo que é aquilo que V. Exa. faz — mostrar o que considere bom e o que considere ruim. Realmente, não vi fome na União Soviética. Vi fome na Hungria, vi fome na China. Vi muita coisa de bom e vi muita coisa de ruim. Vi, por exemplo, a campanha da paz. A campanha da paz que é divulgada por toda a Europa e até trasladada para as Américas, pode, à primeira vista, a nós, sulamericanos, parecer menos atual e de menor importância. De fato, talvez fosse mais atual, mais importante, uma campanha pela retenção do custo de vida, nunca uma campanha pela paz, porque não sabemos o que é paz, pois não sabemos o que é a guerra. Como pode saber o que é paz, alguém que não conhece a guerra? Não sabe o que é saúde quem nunca esteve doente; não sabe o que é miséria, quem sempre teve recursos; não sabe o que é uma mãe, quem não teve mãe. De modo que só sabem o que é paz os italianos, por exemplo, que viram a sua própria pátria transformada num campo de batalha; os alemães, os franceses, os belgas, os europeus em geral. Estes sabem o que é paz, porque sabem o que é a guerra. De sorte que a palavra "paz", proclamada em todos os rincões da Europa — como V. Exa. e eu vimos — nas fábricas, nas oficinas, nas ruas de Moscou, em Leningrado, é uma palavra que tem sentido popular e que realmente se destina aos povos que perderam a paz quando sofreram a guerra. Por isso que esta palavra, como esta campanha que se sustenta, pode parecer-nos nacionalismo. Temos necessidade dela.

Temos necessidade do nacionalismo para defender as nossas prerrogativas nacionais e acelerar nossa independência econômica, para complementar nossa independência política. Que os comunistas adotem o nacionalismo como bandeira de pregação, talvez de agitação, quem sabe de subversão, isto não invalida a necessidade que temos, nós, os democratas, de zelar, como zelamos todos nós, pelas prerrogativas nacionais no campo econômico também, pela emancipação econômica do nosso povo. Quando voltei da União Soviética fui muitas vezes consultado por repórteres, por jornalistas do rádio, da televisão e da imprensa, sobre minha opinião a respeito do que havia visto. (Pausa.) Agradeço a V. Exa. a renovação do tempo de meu aparte. Procurei relatar tudo como uma máquina fotográfica. Fiz um retrato nu e cru da União Soviética sem paixão. A máquina fotográfica não é responsável pela realidade. Por exemplo, quando focaliza uma moça ou uma palagem, não se importa se ela é bonita ou feia. Quando a objetiva fotográfica registra um panorama, mostra o que é. Não o que deveria ser ou o que gostaríamos que fosse. Assim, procurei oferecer subsídios aos que não foram a União Soviética. Procurei contar aquilo que vi, como vi. Perguntaram-me, por exemplo, num programa de televisão, sobre os apartamentos, as construções na União Soviética. O que eu poderia dizer? Disse que eram feios — e realmente são feios. Sabemos que as construções, na União Soviética, são de péssimo gosto, de muito mau gosto. No entanto, nunca poderia oferecer um relato suficiente se apenas dissesse que os apartamentos são feios ou pequenos. Era preciso dizer, isto para dizer a verdade por inteiro, que o Estado está levando a sério o problema da habitação que todos os povos devem atacar, que está construindo prédios de habitação em massa e que esses apartamentos realmente são de mau gosto e que são pequenos.

Ora, demos a notícia por inteiro, dissemos o que vimos. Vimos muita coisa de positivo, como vimos muita coisa de negativo. Vimos, por exemplo, de positivo a indústria pesada. Vimos a garantia mínima, entre os direitos fundamentais, no plano da educação, da saúde e da previdência social. Vimos muita coisa de excepcionalmente bom e vimos muita coisa de excepcionalmente mau. Vimos, por exemplo, o atraso na agricultura. Tive ocasião de visitar, não sei se V. Exa. também, em companhia de outros brasileiros e ilustres parlamentares desta Casa, uma fazenda que deveria ser modelo, já que nos foi mostrada, escolhida, portanto, para ser mostrada aos visitantes situada perto de Moscou. Essa fazenda nos impressionou péssimamente. A mim que não sou afeito à vida agrícola e pastoril, e principalmente aos agrônomos e criadores que fazem parte do nosso grupo de visitantes, a criação de porcos deixava muito a desejar. Não tinha o mínimo de higiene e nós, no Brasil, a teríamos condenada. De modo que, vi muita coisa de mau e muita coisa de bom. Vi a Universidade de Moscou, com seus milhares de apartamentos, com o seu mobiliário próprio, com sua pequena biblioteca para estudantes de todas as origens, financiados pelo Governo os seus estudos. Vi também o monumental metrô de Moscou, que deixa a quilômetros de distância, em qualidade e em eficiência, o metrô de Paris e outros que tive a oportunidade de conhecer. Mas também vi a pobreza dos mercados, em que nós pudemos constatar, no apogeu da grande indústria a miséria dos bens de consumo. Nós sabemos que a gente do povo, que é toda a gente da União Soviética, está longe de poder adquirir, por exemplo, meias de seda, óculos escuros, artigos de beleza. Na realidade, neste particular o nívelamento soviético foi feito por baixo. V. Exa. conversou com o diretor da Fábrica de Automóveis Zim, de Moscou. V. Exa. há-de ter suposto, pela apresentação, pelo vestuário daquela alta patente da indústria soviética, que talvez estivesse conversando com um operário. O contrário, por exemplo, da Dinamarca e da Suécia, onde V.